Um invejável currículo antiético narrado na primeira pessoa.

Há quase cinco anos cheguei à Eletrobras com um objetivo bem definido: privatizá-la a qualquer custo! Antes disso, fui pedir a benção dos "donos do poder e do dinheiro", ambiente que transito muito bem e no qual sei transitar!

Previamente, cabe um breve currículo "ex-post": Na década de 1990 fui um dos artífices do programa de privatização, tanto na esfera federal quando estadual, do tucanato paulista. Colaborei na segregação de ativos da CESP e da Eletropaulo, para vendermos à empresa transmissora que hoje conhecemos como ISA Cteep, à AES Eletropaulo (hoje Enel Distribuição São Paulo), à CPFL, entre outras. Foi na CPFL que me dei bem, já que o Grupo VBC (Votorantim, Bradesco e Camargo Correa) compensou meu esforço com a presidência da CPFL. Afinal ninguém trabalha de graça e todos precisam comer. Lá, trabalhei arduamente para vender a parte da Camargo Correa (em crise econômico-financeira) aos chineses, o obtive sucesso. Sai da CPFL junto com a Camargo Correa, afinal parceiro é parceiro. Os chineses estenderam a oferta para a Votorantim e o Bradesco e agora a CPFL é totalmente estatal, da State Grid chinesa. Saiu de estatal, sugamos os consumidores por praticamente 20 anos, e voltou a ser estatal, só que chinesa. Sou muito bom nisso! Para mim, brasileiro é tudo vagabundo mesmo!

Junto com grandes fundos de investimentos especulativos, conhecidos como fundos "abutres", com os quais me dou muito bem, até aplico meus próprios recursos em alguns deles, com muito amigos lá, principalmente do meu parceiro da 3G Capital, Jorge Paulo Lemann, unimos expertises e engendramos um grande plano para replicar o que fizemos na década de 1990, agora na Eletrobras, uma "joia da coroa". Seria o grande lance a coroar minha carreira nesse tipo de operação "mutreta", onde poucos ganham muito (inclusive eu) e outros perdem muito. Sabia que não seria fácil, já que a decisão é levar o controle da empresa sem gastar nada, na mão grande mesmo. Missão impossível? Não para mim!

De qualquer forma, a tentativa de privatizar a Eletrobras em um modelo altamente benéfico para um seleto grupo de grandes acionistas minoritários, carreado pela 3G Radar, contra toda a economia e população brasileira, nas barbas das autoridades e das instituições, não seria fácil. Aliás, lembro que a 3G Radar já tem o controle da Eletrobras, pois indicou, escolheu ou deu a benção para a escolha de toda a Diretoria Executiva e dos Conselhos de Administração e Fiscal da empresa. Sou bom mesmo nisso! Não concordam? Subjugar o governo de um país... Hão de concordar!

Então desgastei-me junto ao Congresso Nacional e deixei a Eletrobras, pois, como bom estrategista que sou, não poderia ser um empecilho nessa última tentativa de empurrar essa privatização goela abaixo dos brasileiros. Mas, vendida a empresa, eu volto e toco de onde parei! Um belo plano! Até lá os tucanos que venderam a BR Distribuição arrumaram uma boquinha para eu passar esse tempo e dar-me uma saída honrosa. Fizeram isso também com o Pedro Parente, amigo do tucanato que também teve uma saída honrosa da Petrobras lá na BRF.

Mas falemos da minha passagem impactante pela Eletrobras!

Pois bem, minha trajetória na Eletrobras foi magnífica, e, com base nos meus princípios éticos de "dignidade humana e respeito às pessoas", "integridade", "sustentabilidade", "transparência", "impessoalidade", "legalidade", e "profissionalismo", fiz muitas ações interessantes:

(i) Contratei, com apoio do Compliance e aquiescência da Auditoria Interna, vários contratos sem licitação, um inclusive, firmado com a FSB Comunicações, teve sua execução suspensa e legalidade questionada pela Justiça Federal;

(ii) Coloquei os empregados e sindicatos nos seus lugares, rotulando-os como safados e vagabundos. Infelizmente, por isso, recebi censura pública da Comissão de Ética da Presidência da República;

(iii) Alienei ativos de SPE´s não me importando com os investimentos realizados e a importância estratégica deles para a Eletrobras e suas empresas. O modelo de precificação que apliquei foi o mais prejudicial possível à Eletrobras. Não importava a modelagem, mas sim o quanto os compradores amigos conseguiam juntar de dinheiro. Não vendi SPE's, na prática vendi fluxo de caixa positivo, sem riscos, um excelente negócio para quem comprou;

(iv) Desenhei um projeto de privatização sob medida para os amigos acionistas minoritários, sem me importar com os custos para a sociedade, plano esse colocado sob suspeição pelo presidente da Câmara dos Deputados, que indicou direcionamento para favorecer acionistas minoritários;

(v) Articulei e consegui a colocação de um agente do mercado na presidência do Conselho de Administração da Eletrobras;

(vi) Contratei, abusando de meu poder discricionário (contratar diretor é prerrogativa do CAE, mas declarei em reunião com os empregados e os diretores que fui eu que contratei!) uma diretora de Conformidade, advinda da Deloitte, em um bom e claro conflito de interesses, já que a Deloitte tem grandes contratos com a Eletrobras, inclusive para a área de conformidade e governança. Contratei e paguei quem deveria fiscalizar-me. Depois troquei uma diretora oriunda da Deloitte por outra também oriunda da Deloitte. Tem que ser bom para fazer isso!;

(vii) Consegui, como prêmio, uma vaga no CAE para antiga Diretora de Conformidade;

(viii) Coloquei afilhados obedientes na Eletropar e na Memória da Eletricidade;

(ix) Deixei de lado os interesses públicos e majoritários e priorizei os interesses minoritários dentro da Empresa;

(x) Como disse antes, sei lidar com o "andar de cima" e, também, com o andar de baixo, por isso dei uma nova cara à política de recursos humanos e de relações trabalhistas e sindicais da Eletrobras, que com a lógica de redução contínua de pessoal e abdicação do seu capital intelectual, logo, logo se transformará numa exímia contratante de serviços técnicos terceirizados, quase sempre nada especializados, para a felicidade das consultorias amigas.

Enfim, como podem ver, fiz muita coisa, graças ao apoio incondicional e lealdade extrema da cúpula da Diretoria de Conformidade, liderada por suas diretoras deloitteanas, verdadeiras guardiões da ética e da moralidade - sem a solicitude deles nada que citei acima seria possível – a vocês meu muito obrigado!

Agora, depois de tudo isso, visto que nesse interim maximizei meus recursos comprando e vendendo ações da Eletrobras, diretamente pela pessoa física e por intermédio de fundos em que aplico, mesmo sendo um detentor de informações privilegiadas, à revelia da CVM, do MPF e de outras autoridades e instituições, tenho que pensar em mim! Não posso colocar em risco a última tentativa da 3G Radar e outros fundos amigos de controle da Eletrobras já que minha moral lá no Congresso é de truculência. Posso ser truculento com os empregados, mas com o Congresso o buraco é mais embaixo! Não posso ficar o tempo todo pensando nos outros, vou pegar o meu o gibão e vou cuidar de outros postos. Como disse anteriormente, amizade é tudo e os tucanos que venderam a BR Distribuidora não me deixariam sem apoio. Eles estão precisando de mim, sabem que eu sei fazer a coisa, comigo não tem tempo ruim - ainda mais numa empresa recém-privatizada, com grandes acionistas minoritários ansiosos por capturarem de vez o controle – estão precisando da minha astúcia!

Entretanto, logo que entregue o controle da Eletrobras a um pequeno grupo de grandes acionistas minoritários amigos (o novo presidente a ser colocado pelo Paulo Lemann da 3G e o Paulo Guedes do BTG Pactual e outros especuladores continuará o trabalho, mas ainda fico na coordenação!), volto para terminar o trabalho que comecei na Eletrobras: desemprego; precariedade nos serviços, materiais e equipamentos comprados; falta de energia; tarifas elevadas e abusivas; especulação com a energia elétrica; população sem poder pagar a conta; apagões; falta de confiança no sistema; custo Brasil elevado; convulsão social; entre outros. Isso tudo é comigo mesmo!

Voltando ao "saber lidar com o andar de cima", sabiam que para assumir o novo cargo privado, fui liberado da quarentena? A lei não é para todos e ainda vou ganhar uma vaguinha no Conselho de Administração Eletrobras, pois ainda vou manter-me na coordenação do processo de privatização, agora como "consultor sênior e delator" - isso não é para poucos, ou melhor, isso é só para mim, não tem essa de conflito de interesse, minhas qualidades são irresistíveis até para a lei.

Falando em lei, só eu mesmo para conseguir aprovar a alteração no escopo de objetivos da Eletrobras, que estão claramente definidos na Lei de fundação da Eletrobras e suas alterações posteriores. Alterei também leis específicas de programas governamentais, aprovadas pelo Congresso, que colocam a Eletrobras como parte desses programas. Fiz isso com a recente alteração do estatuto da Eletrobras. Uma alteração debaixo para cima na hierarquia das leis. Acredito que nunca ninguém teria feito isso, nem no Brasil Imperial, muito menos na Ditadura Militar. Seria considerado alta traição! Já viram isso? O estatuto da Eletrobras alterando leis federais e a própria Constituição? Ninguém falou nada! Nem Congresso, nem STF e nem OAB.

Para mim, executivo de prestígio, sair da Eletrobras foi uma boa, vou para outra companhia ganhando milhões, contínuo com um pezinho na canoa Eletrobras e de lá, da minha nova mesa de trabalho, terei a liberdade para cobrar e pressionar o governo pela e privatização e influenciarei na escolha do novo presidente da Eletrobras, para que

seja alinhado comigo e com os meus amigos grandes acionistas minoritários. Tem coisa melhor que isso?

Ético e transparente que sou, com minha permanência na Eletrobras, sentado no CAE, poderei acompanhar a contemplação e apreciação da minha gestão "impecável, deslumbrante e ética" pela CGU, TCU e Ministério Público Federal. E estarei de olho nos diretores executivos e conselheiros de administração e fiscal da Eletrobras, colocados pelos grandes acionistas minoritários. Se vacilarem, serei o "dedo-duro" e estarão fora! Afinal, todos estão lá com a minha benção!

Como podem ver, a depender do ponto de vista, principalmente na ótica dos grandes acionistas minoritários, meu legado é enorme! Para eles, pouco importa que eu não tenha implementado um único MW/h e nem um km de linha de transmissão novo. Sou o presidente do "Zero". Não acrescentei nada, zero mesmo! Tudo que foi implementado na minha gestão, sendo produtivo ou administrativo, foi projetado e iniciado em gestões anteriores, sem dizer que teve alguns projetos que foram descontinuados ou engavetados. Para mim e minha ética, os únicos *stakeholders* que existem são os grandes acionistas minoritários: lucro, dividendos e formação elevada de caixa, para compensar uma eventual privatização à bagatela de aproximadamente R$ 16 bilhões. Acreditem, é isso mesmo, só R$ 16 bilhões e ainda os novos controladores encontram essa mesma quantia em caixa. Uma obra de arte em se tratando de golpe!

Será que em outros países, como EUA, europeus, escandinavos, asiáticos eu e essa minha "ética" teríamos tanto sucesso assim?

O Brasil é maravilhoso, já suas elites oligárquicas algumas vezes são inescrupulosas e impiedosas e em outras são otárias e míopes, pois esse golpe recai também sobre seus próprios bolsos, lucratividade e competitividade!

Compartilhem este informe com os colegas!

Juntos somos mais fortes!

ASSOCIE-SE A AEEL (clique aqui) OU AO SINDICATO DE CLASSE (links nas logos abaixo)

A Diretoria, em 1 de fevereiro de 2021.
Associação dos Empregados da Eletrobras – AEEL

SINTERGIA-RJ SINAERJ Senge·RJ SINSERJ